



NOTAS DE UMA DISCURSIVIDADE EM AÇÃO: GÊNERO, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Dárcia Amaro Ávila¹
Paula Regina Costa Ribeiro²
Paula Corrêa Henning³

Resumo

O texto apresenta algumas notas sobre a discursividade que articula o gênero ao desenvolvimento sustentável produzindo efeitos para a educação ambiental na atualidade. Assim, a partir das contribuições da perspectiva de Michel Foucault e dos Estudos de Gênero problematiza os programas globais e documentos internacionais que trazem discursos que capturam, posicionam e ensinam as populações, especialmente, a de mulheres para se alcançar um desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, utilizamos ferramentas analíticas como bio/ecopolíticas, dispositivos e emergências a fim de tencionar a discursividade que traz provocações e problematizações para a educação ambiental.

Palavras-chave: Gênero. Desenvolvimento sustentável. Educação Ambiental.

Introdução

No decorrer do texto buscamos pensar a educação ambiental em um tempo que estamos vivenciando, ou seja, de aprofundamento do discurso do desenvolvimento sustentável nas políticas, na educação, e, principalmente, nas ações, relações e formas de ser como sujeitos deste tempo. Nesse sentido, articulamos as discussões dos estudos de gênero e foucaultianos a fim de tencionar as formas de captura e relações de poder que produzem populações, especialmente, as mulheres e as suas formas de se relacionar com o planeta.

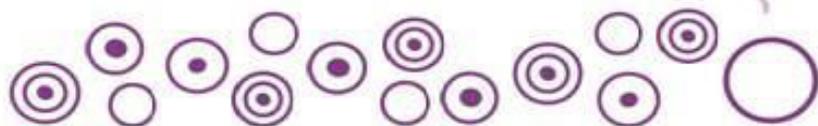
Assim, buscamos apresentar algumas pistas⁴ oriundas da análise do material empírico, constituído por alguns documentos internacionais (Agenda 21, Plataforma de Ação de

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, participante dos grupos de pesquisa Sexualidade e Escola- GESE, Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia -GEECAF, darciaamaroavila@gmail.com

² Professora Titular, Bolsista Produtividade CNPq 1C, Universidade Federal do Rio Grande, pribeiro.furg@gmail.com

³ Professora Titular, Universidade Federal do Rio Grande, paula.c.henning@gmail.com

⁴ As pistas são resultados da pesquisa de doutorado “Gênero nas malhas do desenvolvimento sustentável: emergências, bio/ecopolíticas e dispositivos” produzida pela autora. Apresentamos as principais considerações do estudo, por isso, excertos dos documentos e dos programas não se encontram no texto.





Pequim, Declaração do Milênio, Declaração de Joanesburgo sobre desenvolvimento sustentável, Declaração final da conferência das Nações Unidas sobre desenvolvimento sustentável e Agenda 2030 sobre desenvolvimento sustentável) e programas da União Internacional de Conservação da Natureza (UICN) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que nos possibilitou problematizar a discursividade que coloca em funcionamento o gênero no discurso do desenvolvimento sustentável e produz efeitos para a educação ambiental. Nesse viés, apresentamos três pistas que nos possibilitam problematizar a discursividade em ação.

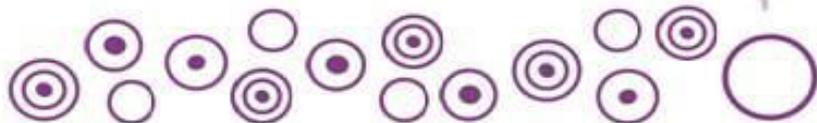
Pista um: construção dualista

Esta pista se refere a produção discursiva (FOUCAULT, 2013) que integra o gênero às questões ambientais, bem como a sua emergência no discurso do desenvolvimento sustentável. Assim, a partir dos encontros advindos dos episódios ou rastros da história, foi possível olhar para os eventos ambientais que integraram o gênero nas suas ações. Destacamos esse movimento como provocador da EA ao nos fazer pensar na não linearidade dos acontecimentos ambientais, bem como na sua relação de poder que, pelos discursos de desenvolvimento e desenvolvimento sustentável, instituiu as mulheres na agenda global. Com isso, foi possível olhar abaixo da linha de visibilidade do objeto gênero presente no discurso do desenvolvimento sustentável e identificar uma construção social, política, econômica e ambiental dessa discursividade que produz determinadas mulheres em uma dualidade constituída como grupos vulneráveis e gestoras ambientais.

Pista dois: bio/ecopolíticas da vida populacional de mulheres

Nesta pista identificamos que o discurso do desenvolvimento sustentável consolida-se como uma verdade de nosso tempo. Buscamos tencionar esse discurso e identificamos a operação dos mecanismos do biopoder de regulação da vida populacional a partir não só de algumas estratégias de defesa da vida, mas também do planeta (FOUCAULT, 2008; PASSETI, 2013). Nessas estratégias denominadas de bio/ecopolíticas, o saber estatístico e a preocupação com o futuro, passam a orientar as ações dos programas que buscam articular o gênero em suas áreas de trabalho.

Como grupos excluídos, vulneráveis e em situações de riscos ambientais, as mulheres são capturadas como populações que precisam de uma intervenção. Nas principais problematizações, procuramos destacar que esta discursividade não apenas provoca a educação ambiental a uma abordagem mais crítica e problematizadora dos discursos de





desenvolvimento sustentável que articulam gênero, como ainda para que se constate que EA é também uma ferramenta potente para a desnaturalização e desmistificação dessas verdades. Assim, contestar esta regulação e controle que busca um esverdeamento das relações e ações dos sujeitos com especial atenção às mulheres se torna uma possibilidade para a educação ambiental que defendemos.

Pista três: operação de dispositivos

Identificamos nesta pista a operação do dispositivo de gênero (AMIGOT LEACHE; PUJAL I LLOMBART, 2009) em conjunto com outros dispositivos como a sustentabilidade (SAMPAIO, 2012) e a educação ambiental (GARRÉ, 2014) a fim de entender os programas da UICN e PNUD.

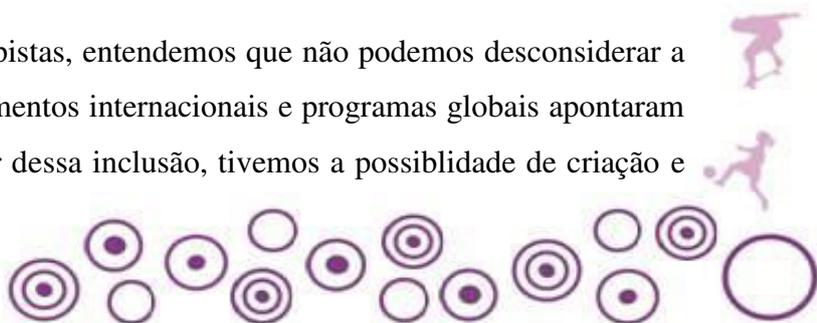
Seguindo a perspectiva de Michel Foucault e Gilles Deleuze (2005), nos debruçamos a analisar as enunciações que apontam as mulheres rurais, pobres e de países em desenvolvimento, problematizando a sua universalidade. O gênero não é constante, modifica-se conforme os códigos culturais e sociais das sociedades e, por isso, não podemos restringir as suas análises sem considerar os contextos sociais, econômicos, políticos, educacionais, culturais, ambientais, etc. (BUTLER, 2003).

Nesse sentido, ao abordar que gênero captura certa população de mulheres em conjunto com o dispositivo da sustentabilidade e da educação ambiental ensinando aos sujeitos ações verdes, trazemos outro enfoque para a EA, ou seja, que ela também é capturada por essa discursividade que contesta. Assim, nos perguntamos: Afinal, qual o espaço da educação ambiental?

Considerações e problematizações

Frente às pistas encontradas a partir da análise do material empírico nos foi possível destacar que a discursividade que articula o gênero ao desenvolvimento sustentável provoca a educação ambiental para uma abordagem mais crítica e, também, desencadeia potencialidades frente aos jogos de forças e poder dos acontecimentos na atualidade. Além disso, esta discursividade captura a EA, embora isso não signifique que a educação ambiental esteja submetida a tal discursividade. Somos constantemente capturados e capturadas por diferentes discursos e dispositivos.

Assim, ao destacar as principais pistas, entendemos que não podemos desconsiderar a importância da visibilidade que os documentos internacionais e programas globais apontaram ao trazer as questões de gênero. A partir dessa inclusão, tivemos a possibilidade de criação e

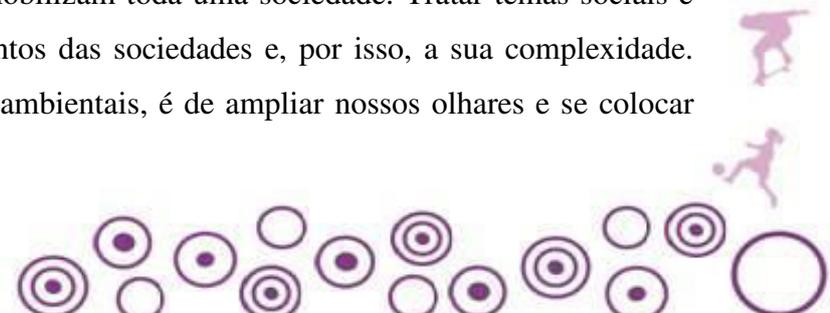




orientação de muitos projetos, programas e campanhas a fim de combater as desigualdades, pobreza, desastres ambientais que afetam, principalmente, as mulheres. Entretanto, apenas abordar o gênero como forma de integrar as mulheres às políticas ambientais ou como melhoria de índices não possibilita as problematizações que o conceito carrega. Por isso, abordamos a educação ambiental na intersecção com os estudos de gênero nesta problematização. Este conceito procura desnaturalizar a essencialização do feminino e masculino ao problematizar as construções desiguais, as hierarquias e estruturas sociais, culturais, econômicas e ambientais que posicionam homens e mulheres em lugares distintos e que provocam desigualdades, discriminações e violências. A partir das vozes dos movimentos de mulheres e ambientalistas, em meados da década de 1960, tem-se colocado em xeque essa construção na reivindicação de uma sociedade mais justa e igualitária. Sendo assim, não podemos desconsiderar os jogos de força e relações de poder implicados neste processo de visibilidade e investimentos dos programas.

Intentamos colocar em problematização que as mulheres sempre estiveram presentes no contexto sócio-ambiental. Temos muitas que enfrentaram, denunciaram, lutaram e ainda lutam para uma sociedade em que o ambiental não se torne apenas uma armadura para a exploração e depredação na relação da humanidade com o ambiente. Quando pensamos nas contribuições das mulheres, precisamos atentar para os discursos naturalizados como a proximidade que se tem colocado do feminino com a natureza, as características femininas como essenciais para o cuidado com a natureza e o ambiente, por exemplo. As mulheres são múltiplas de diferentes raças, etnias, classes, culturas, tempos, espaços, enfim, são sujeitos que não podemos unificar, tampouco, as suas relações. Nesse sentido, são importantes aliadas para as questões ambientais a partir de suas experiências sociais e pessoais, mas, principalmente, como seres humanos que fazem parte de uma sociedade.

Ao trazer os conceitos analíticos, procuramos compreender as formas de captura contemporâneas e os seus mecanismos de poder que perpassam as relações sociais e ambientais. Foucault já apontava a produtividade do poder e de suas estratégias, mas isso não significa aceitação passiva das formas de governar (FOUCAULT, 2008). Nesse viés, destacamos a educação ambiental como potencializadora dessas problematizações. A EA, como abordada por diferentes educadores ambientais, é política. Ela está ou deveria estar na linha de frente dessas discussões que mobilizam toda uma sociedade. Tratar temas sociais e ambientais é tratar de diferentes elementos das sociedades e, por isso, a sua complexidade. Nosso compromisso, como educadoras ambientais, é de ampliar nossos olhares e se colocar nessa disputa.





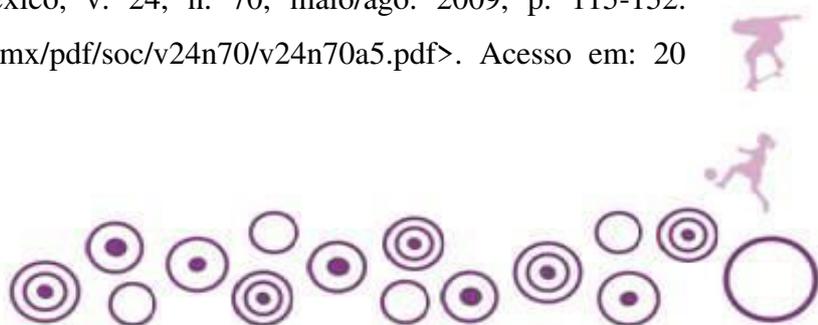
Para a construção de outras verdades na educação ambiental se faz necessário a mudança de lentes apontada por educadores/as ambientais. Olhar para o que acontece em nosso tempo de forma a produzir, controlar e regular as nossas relações sociais e ambientais com desconfiança se torna um ato político imprescindível na EA. Apesar da inexistência única do conceito de educação ambiental na atualidade e de sua diluição nos documentos oficiais e internacionais para uma educação do desenvolvimento sustentável, este estudo depreendeu esforços para que o conceito de EA não estivesse alicerçado em uma verdade acabada. Apontamos que a contribuição potente da educação ambiental está justamente na sua imprevisibilidade e irreverência aos contextos sociais, políticos, ambientais, econômicos, entre outros. Nesse sentido, destacamos a EA como problematizadora da discursividade que articula o gênero, pois esta discursividade não é neutra e tampouco isenta de relações de poder.

Provocar a sua discussão nos cursos de educação ambiental e nos grupos de pesquisa sobre a participação das mulheres nas questões ambientais para além de vulnerabilizá-las ou torná-las salvadoras do mundo, é importante para visibilizar os jogos de poder e interesse que perpassam as relações e buscam formas de governar as populações. Colocar em suspeita os planos de gênero e, especialmente, direcioná-los para as mulheres pobres, assim como problematizar a dimensão relacional do gênero que é frequentemente desconsiderada, ocultando as responsabilidades e contribuições dos homens nesse processo, é nosso dever.

Por fim, entendemos que a educação ambiental aborda diferentes temas como desigualdades, cidadania, modelos de desenvolvimento, relações sociais na intersecção com as culturais, políticas e econômicas, entre outros. Dessa forma, possibilita problematizar com educadoras e educadores os discursos carregados de intencionalidade e relações de poder. Acreditamos que a educação ambiental e os estudos de gênero possibilitam estas problematizações de forma crítica e articulada aos acontecimentos contemporâneos. Considerando essas possibilidades, talvez, possamos construir juntos outras verdades, problematizações e soprar novos ventos para outro desenho da vida na terra.

Referências

AMIGOT LEACHE, Patricia; PUJAL I LLOMBART, Margot. Una lectura del género como dispositivo de poder. **Sociológica**, México, v. 24, n. 70, maio/ago. 2009, p. 115-152. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/soc/v24n70/v24n70a5.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2016.





BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso** – Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 2013.

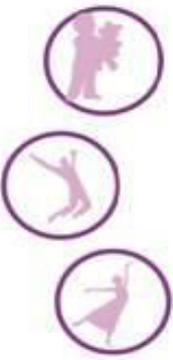
GARRÉ, Barbara Hees. **O Dispositivo da Educação Ambiental: modos de constituir-se sujeito na revista Veja**. Tese. (Doutorado em Educação Ambiental). Universidade Federal do Rio Grande/FURG, Rio Grande, 2015.

PASSETTI, Edson. Transformações da biopolítica e emergência da ecopolítica.

Revista Ecopolítica, São Paulo, n. 5, jan./abr., p. 2-37, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/viewFile/15120/11292>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

SAMPAIO, Shaula Máira Vicentini de. **Uma floresta tocada apenas por homens puros... ou o que aprendemos sobre os discursos contemporâneos sobre a Amazônia**. 2012. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre: UFRGS, 2012.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

